

A INTERAÇÃO COM O ENTREVISTADO NA COLETA DE NARRATIVAS PARA A COMPOSIÇÃO DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: VIVÊNCIAS DE PESQUISADORA

Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva

O que será que será [...]
Que anda nas cabeças, anda nas bocas?
(O que será – À flor da terra, de Chico Buarque)

Resumo: Este relato de experiência surge da reflexão sobre o momento de pesquisa de campo, mais especificamente na coleta de narrativas, que foi realizada para elaboração de dissertação de Mestrado na área de Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2011. O texto trata da narrativa como fonte de informação para pesquisa e elabora uma breve fundamentação sobre o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), instrumental utilizado para a coleta e tratamento dos discursos. Também esboça o relato de uma pesquisadora iniciante objetivando relacionar suportes teóricos para entrevista com narrativas com sua aplicação na prática que, usualmente, oferece muitas surpresas.

Palavras-chave: Ciência da Informação – Pesquisa. Pesquisa – Metodologia. Pesquisa – Narrativas pessoais.

1 INTRODUÇÃO

Este relato de experiência é resultante da minha vivência de pesquisa no (fértil) período de coleta de dados para composição de dissertação de Mestrado¹ na área de Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no ano de 2011. Tive como objetivo através da pesquisa, investigar líderes de bibliotecas comunitárias e a existência de possíveis questões que

¹ Dissertação defendida em 16 de novembro do mesmo ano, sob o título “É preciso estar atento: a ética no pensamento expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias”, sob orientação do Prof. Dr. Francisco das Chagas de Souza.

podem estar no pensamento destas pessoas como motivações que as levam a dedicar tempo de suas vidas para criar estes espaços.

A sociologia do conhecimento foi o alicerce para a fundamentação teórica da pesquisa, considerando o fenômeno mobilização pessoal para a criação de biblioteca e como experiência social e as relações microsociais explicadas pelo construcionismo social. Portanto, foram utilizados autores como Berger e Luckmann que se propõem a analisar sociologicamente a realidade da vida cotidiana e Norbert Elias que, através da sociologia processual e do figuracionismo (ou configuracionismo), busca entender mediante análise das relações entre pessoas e grupos, processos históricos e sociais.

Como recurso metodológico, apoiada na Teoria das Representações Sociais (TRS), nesta pesquisa em que o fundamental foi a busca do significado que os participantes davam a sua realidade, foi utilizado como componente essencial de estudo a narrativa, o discurso. A relevância deste componente orientou a escolha do instrumento de análise do mesmo, o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) para o tratamento dos dados. A técnica do DSC orienta o pesquisador para uma série de procedimentos e cuidados que devem ser levados em consideração para validação deste instrumento de análise, o que inclui o momento das entrevistas em busca de narrativas. Entretanto, estas recomendações são absorvidas pelo pesquisador neófito, inicialmente, somente em âmbito teórico. Quando o pesquisador encontra com o entrevistado, o narrador das histórias que ele deseja resgatar, as situações que a atmosfera emocional, física e social oferecem ao momento podem preparar grandes surpresas. Confrontar estas recomendações teóricas acerca do ambiente da entrevista com as experiências que vivenciei na coleta das narrativas para composição do DSC é o foco principal do texto.

2 A NARRATIVA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO PARA PESQUISA

As histórias fazem parte da nossa vida e constantemente é possível escutá-las e confrontá-las com a vida cotidiana. Pode-se afirmar que, de certa forma, elas são instrumentos que auxiliam o homem na sua formação. Elias (2001) enfatiza que o homem não se tornaria de fato homem se não vivesse com outros homens e não aprendesse coisas com eles. O indivíduo está ligado a outros por um fenômeno de dependência recíproca, de interdependência.

A narrativa se solidificou como uma das formas de investigação científica difundidas nas ciências sociais, normalmente para pesquisas de cunho qualitativo. A pesquisa qualitativa conforme Flick (2009, p. 20, 23) “é de particular relevância ao estudo das relações sociais” e seus aspectos essenciais

consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes no reconhecimento e análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos.

O interesse pela narrativa ocorre justamente em um momento de mudança de paradigma científico, quando emerge o questionamento de metodologias tradicionais de pesquisas (originadas das ciências exatas) para a pesquisa de natureza qualitativa e interpretativa que envolvia a complexidade dos fenômenos sociais. (BASTOS, 2008 apud BROCKMEIER; CARBAUGH, 2001). A atenção para as histórias que surgem das entrevistas de pesquisa é fruto também de uma crença de que, ao estudá-las, pode-se “compreender não apenas o sentido que os indivíduos fazem de si mesmos, como também sua compreensão do mundo de suas experiências nesse mundo.” (BASTOS, 2008, p. 80).

Marques (1998) ao discorrer sobre a importância do hábito de escrever, lamenta o fato de não haver na produção escrita, na maioria das vezes, esta lógica da narrativa falada, que ele chama de “conversa vadia”, que divaga até encontrar seu discurso encadeado. É através desta liberdade em expressar pensamentos que se retira o ingrediente principal para a aplicação do Discurso do Sujeito Coletivo, que será explicitada mais detalhadamente.

3 O DSC: instrumento de coleta de dados

Técnica oriunda da teoria da Análise do Discurso, surgiu na França do século XX, década de 60, através dos estudos de Michel Pêcheux que subsidiaram a base teórico-metodológica da Análise do Discurso em oposição à Análise de Conteúdo. Além da França, outros países da Europa como Rússia e Inglaterra, trouxeram outras abordagens sobre a Análise do Discurso. Em todas elas, o ponto convergente identificado era o contexto histórico-social a partir de uma construção coletiva, não individual. (MENDONÇA, 2007). Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre criaram-no como um instrumento que sustenta a busca de várias falas individuais e permite transformá-las em uma fala coletiva. Depende, portanto, da coleta de histórias, dos discursos.

O resgate do pensamento de uma coletividade sobre determinado objeto de estudo por meio de pesquisa social empírica, só é legitimado pela manifestação linguística, ou seja, pelo depoimento discursivo, pela narrativa, pelo posicionamento. Este depoimento é composto por uma ideia central e seus conteúdos e argumentos. No DSC é através do discurso de vários indivíduos e a livre expressão de seus depoimentos possíveis mediante perguntas abertas, que se chega ao discurso coletivo. Entretanto, para isso, é preciso acreditar que é possível produzir uma soma de vários discursos. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

O conceito de DSC compreende a proposta de “organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 15-16). Segundo seus autores,

consiste, então, numa forma não-matemática nem metalingüística de representar (e de produzir), de modo rigoroso, o pensamento de uma coletividade, o que se faz mediante uma série de operações sobre os depoimentos, que culmina em discursos-síntese que reúnem respostas de diferentes indivíduos, com conteúdos discursivos de sentido semelhante. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2009, p. 25).

Na sua estrutura, o DSC possui como figuras metodológicas as expressões-chave (trechos selecionados da fala do entrevistado, destacados por revelar a essência do depoimento e melhor descrição do seu conteúdo); as ideias centrais (que revelam e descrevem o(s) sentido(s) presente(s) nos discursos analisados e também de cada conjunto de resposta dos indivíduos que apresentam sentido semelhante ou complementar); as ancoragens (que estão presentes quando na fala do entrevistado se revela e descreve explicitamente, com marcas linguísticas claras e genéricas, as teorias, ideologias, crenças e valores); e o Discurso do Sujeito Coletivo (um discurso-síntese formado pelo conjunto das expressões-chave presentes nos discursos e que possuem ICs e/ou ACS com sentido semelhante ou complementar). (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005; LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2009).

A proposta deste mecanismo com todos estes elementos é de

[...] reconstruir com pedaços de discursos individuais, como em um quebra-cabeça, tanto discursos-síntese quantos se julgue necessários para expressar uma dada ‘figura’, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 19, grifo do autor).

Diante do exposto, pode-se concluir que as narrativas são material fundamental para aplicação do DSC, do qual se origina este discurso coletivo. Sua coleta implica em um processo de entrevista que exige alguns cuidados e premissas que serão abordados a seguir.

4 O DSC E A COLETA DAS NARRATIVAS: TEORIAS

Elaborar uma entrevista que incite o discurso, a narrativa livre, é uma atividade complexa. Jovchelovitch e Bauer (2008) destacam que, além de tomar tempo, a preparação deste tipo de entrevista deve ser uma atividade que sucede a ambientação do campo de estudo, exige uma compreensão preliminar da questão a ser pesquisada. As perguntas devem refletir os interesses do pesquisador, suas formulações e linguagens.

O momento da entrevista se descortina como um ambiente de expectativas, tanto do entrevistador, como do entrevistado. Portanto, Rosa e Arnoldi (2008) destacam que um aspecto relevante da entrevista para a produção do discurso é a cordialidade, responsável por gerar uma inter-relação de confiança e por produzir uma visão do entrevistador como um confidente, por parte do entrevistado, embora seja comum que o entrevistado mantenha sua privacidade. Este aspecto da confiabilidade, para a obtenção das informações relevantes para o objetivo da pesquisa, reforça e justifica o fato de que o entrevistador deve se preparar para este momento, se revestindo do papel de pesquisador, bem como, preparando o ambiente, o clima e o equipamento necessário para a entrevista.

A coleta de narrativas é um instrumento que exige bastante da relação entrevistador/entrevistado. Araya Umaña (2002) destaca que a entrevista possui um caráter paradoxal, pois é utilizada para que produza um discurso de caráter pessoal e íntimo, entretanto, ao ser produzida, deixa de ser íntima.

A entrevista é uma situação artificial e o entrevistado só se expressará bem se estiver verdadeiramente à vontade no momento do

encontro com o entrevistado. O entrevistador deve cuidar com o momento e o local da entrevista, com seu vestuário, ter empatia e escutar com interesse o que diz o entrevistado. (POUPART, 2008).

Lefèvre e Lefèvre (2005) também ressaltam cuidados relevantes que merecem a atenção do pesquisador. Destacam que a apresentação do entrevistador ao entrevistado deve manter um padrão para que ocorra da mesma maneira com todos, embora Jovchelovitch e Bauer (2008) afirmem que essa fase seja difícil de padronizar e termina por se apoiar nas habilidades sociais do entrevistador. Na apresentação, o entrevistador deve solicitar a anuência do entrevistado e apresentar por escrito o termo de consentimento livre e esclarecido. Os entrevistadores devem ser rigorosos em seguir o roteiro estabelecido previamente, sem introduzir novas questões, modificar, opinar ou intervir na entrevista, com exceção de adendos como “algo mais a dizer?”, “explique melhor”, “Por que?”, etc. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

O ambiente para a entrevista deve ser preparado a fim de que o pesquisador tenha êxito e não perca dados importantes. No caso específico do DSC, a coleta de dados não pode ser realizada duas vezes. Esta repetição acarretaria em um efeito-aprendizagem que deve ser evitado, no caso das pesquisas de representação, onde a linguagem e o pensamento que movem o mundo cotidiano são resgatados. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

De maneira geral, todos gostam de escutar histórias. Elas tendem a despertar nos indivíduos sentimentos de tristeza, alegria, revolta, admiração ou qualquer outro tipo de emoção, até mesmo o desinteresse. “O ato de contar histórias é uma *performance* através da qual construímos quem somos e nossas relações com os outros” (BASTOS, 2008), essa relação nos conecta, aproxima ou afasta, quem conta e quem escuta.

O clima da entrevista deve ser informal para que o entrevistado se sinta à vontade para falar livremente sobre as questões propostas. Porém, o entrevistador deve manter o controle da situação e tomar

cuidado com o clima de descontração, não interferindo no discurso. Como o encontro entre entrevistado e entrevistador no momento da entrevista é muitas vezes envolto em emoções e sentimentos, podendo suscitar reações afetivas no entrevistador, este deve cuidar para evitar gestos que possam induzir o entrevistado no momento do seu discurso, como os de aprovação ou reprovação, situações que podem terminar por inutilizar a entrevista. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005; ROSA; ARNOLDI, 2008).

Em função de se caracterizar momento único esta coleta das narrativas, Lefèvre e Lefèvre (2005) atentam ainda para cuidados prévios como preparo do equipamento de gravação das entrevistas, incluindo checagem das pilhas (pilhas novas), teste (antes e no momento da entrevista) com o aparelho, cuidado para que o mesmo não esteja no *pause* e que a altura do som esteja adequada. Os autores também recomendam que o entrevistador verifique, no meio da entrevista, a qualidade da gravação.

Como se pode observar, a entrevista demanda uma gama de procedimentos que, se não forem observados, podem até conduzir, como afirmam Rosa e Arnoldi (2008), a resultados que não trazem credibilidade para a pesquisa. Para a pesquisa, da qual se faz este relato, foram selecionados treze participantes das cinco regiões do país, oito entrevistados presencialmente e cinco, à distância. Neste último caso, não foi dispensada a obrigatoriedade do face a face e da entrevista em tempo real para a escuta das narrativas, como se deu no encontro presencial. Para tanto, as entrevistas foram realizadas via MSN ou Skype. Nos dois casos, foi utilizado o mini gravador digital para registro dos discursos. A seguir serão destacadas algumas experiências sobre a coleta de narrativas que ocorreram durante o processo de pesquisa de campo.

5 INTERAÇÃO COM O ENTREVISTADO NA COLETA DE NARRATIVAS PARA O DSC: VIVÊNCIAS

Atenta às recomendações teóricas, para todas as entrevistas (inclusive para as realizadas à distância), optei por vestir roupas discretas e neutras, camiseta branca ou preta, sem decotes e calça jeans ou preta. Foi feito um contato anterior por e-mail e, por vezes, confirmado por telefone. O dia, horário e local da entrevista foram combinados previamente e escolhidos pelo próprio entrevistado, de acordo com minha possibilidade para o encontro. O termo de consentimento livre e esclarecido esteve sempre à mão e inaugurava toda nova entrevista. A aparelhagem de gravação era previamente testada e pilhas reservas estavam sempre à disposição.

As entrevistas presenciais se diferenciaram das entrevistas à distância em muitos aspectos, portanto, serão descritas separadamente. Também serão destacados em um tópico, dificuldades que estiveram presentes nas duas modalidades.

5.1 INTERAÇÃO PRESENCIAL

Das entrevistas presenciais, somente duas foram realizadas na cidade onde moro, o que possibilitou certo conforto no acesso e encontro com o entrevistado. As outras seis, foram feitas em outras regiões do país, necessariamente durante o final de semana em função do meu expediente de trabalho semanal, situação que aumentava a expectativa de que tudo tinha que dar certo. O encontro teria que acontecer impreterivelmente no horário marcado, porque o tempo de que dispunha nas cidades para estar com os entrevistados era limitado pela agenda e necessidade de retorno. Não pude contar com os revezes da vida cotidiana, tudo tinha que acontecer conforme planejado, sob pena de prejuízos financeiros e perda de um entrevistado relevante para a pesquisa (como explicado anteriormente, no DSC as entrevistas não podem ser refeitas). Busquei, portanto, ter em mãos um cronograma com horários de saída e chegada dos transportes aéreo e rodoviário, endereços de hotéis, locais de entrevista, pontos de alimentação, telefones dos

entrevistados e estabelecimentos, bem como, mapa das cidades visitadas – estratégia fundamental para o fluxo saudável das viagens. Concentrei de três a quatro entrevistas por final de semana, portanto, foram dois finais de semana de viagens para a coleta de narrativas. Todos os horários foram respeitados e cumpridos e, neste quesito, os encontros foram bem sucedidos.

Entretanto, toda essa logística em tempo apertado, gerou em mim certa ansiedade que, “revestida” de toda literatura técnica, evitava transparecer no momento das entrevistas (ficar olhando para o relógio, batendo pernas ou expressões corporais do tipo que denotam pressa ou ansiedade). Essas descrições de situações particulares demonstram que os momentos que antecedem à coleta de dados, tanto para o entrevistado quanto para o entrevistador, podem atrapalhar o encontro e a concentração que ambos devem manter para o bom andamento do processo de pergunta e resposta das narrativas.

Um problema que ficou evidente nas pesquisas presenciais, em função da agenda dos entrevistados é que, em sua maioria, elas são marcadas no ambiente de trabalho, normalmente, o “lugar mais favorável” para o entrevistado, sugerido por Poupart (2008). O trabalho é prioridade para o entrevistado, portanto, este sempre irá ceder às demandas de trabalho, sua prioridade, atrapalhando a fluência da narrativa e podendo ser prejudicial à pesquisa. Na interação à distância, o local preferido foi a residência e, neste tipo de interação, outras foram as problemáticas.

5.2 INTERAÇÃO À DISTÂNCIA

No caso das entrevistas a distância, contrariando minhas expectativas, encontrar o dia adequado para mim e para o entrevistado foi mais difícil. Diversas vezes, alguns entrevistados marcaram dia e hora de encontro e não “apareceram”. O fato é que toda aquela facilidade e flexibilidade para o encontro, a

disponibilidade de tempo que o espaço virtual possibilita (algumas entrevistas foram feitas de madrugada) gerou uma dificuldade maior no sentido de adequação dos horários.

Nada se compara, portanto, às dificuldades surgidas em função do imprescindível (neste tipo de entrevista) aparato tecnológico. A maioria dos entrevistados, embora tivessem aceitado este tipo de entrevista, não tinham muita intimidade com os recursos de chamada de vídeo e por mais que eu tivesse realizado pré-teste com meus equipamentos e checado meu suporte tecnológico pessoal, tinha que contar também com esta condição por parte do entrevistado para que a entrevista fosse viabilizada. A interação nestes casos exigiu de nós, entrevistado e entrevistador, muitas horas de ajuste antes da entrevista propriamente dita e o meu receio era de que todo este tempo pudesse gerar cansaço, impaciência e/ou desânimo para os entrevistados (o que nesta pesquisa, afortunadamente, não aconteceu) afetando a produção da narrativa. Em função possível falha da tecnologia, minha ansiedade novamente teve de ser camuflada. Pela dificuldade de conexão, estava sempre em estado de alerta, apreensiva com a eventual possibilidade de perder a entrevista.

Outra fonte de ansiedade foi o ambiente de entrevistas escolhido por mim em função da preparação prévia do aparato tecnológico, minha residência. No momento da entrevista busquei controlar adversidades, desliguei telefone, tentei adequar horários em que não tivesse ninguém em casa, fechei janelas, avisei vizinhos/visitas constantes. A casa, portanto, como o ambiente de trabalho, também é local de inesperados acontecimentos. Em função dos muitos “desencontros” virtuais, nem sempre consegui marcar com o entrevistado uma hora em que estivesse sozinha em casa, sem filho pequeno, cachorro latindo, vizinhos chamando na porta e outros problemas enfrentados e que tiveram que ser gerenciados para o bom andamento da coleta dos discursos.

A pesquisa já fazia parte da minha dinâmica familiar, já era assunto nas refeições, nas horas de lazer, nos conflitos. Neste momento, ela definitivamente ocupava seu espaço/tempo na minha família. Algumas das entrevistas à distância eram marcadas depois das 23 horas, e em um dos casos, findou depois das 2 horas da manhã. Este caso também exigiu um esforço particular no sentido de eu não demonstrar cansaço, desinteresse, sono, ansiedade.

5.3 OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Nas entrevistas, o ambiente virtual, se comparado ao contato presencial, limitou minha área de visão do entrevistado, restrita à tela do computador e o face a face no contato presencial foi realmente superior ao contato à distância. Em uma das entrevistas presenciais, experimentei uma posição, ajuizada por mim como a mais interessante de todas para a entrevista de coleta de narrativas, sugerida pelo próprio entrevistado: cadeira na frente de cadeira, sem mesa, sem barreira, sem nada entre nós, onde pude vivenciar ainda mais o “olho no olho” e a entrega do entrevistado às perguntas.

Apesar destas observações, a interação face a face se deu nos dois ambientes de entrevista. Em ambos, pude experimentar a emoção dos entrevistados, uma grande dificuldade para mim. Nas narrativas que incluíram o choro, a comoção intensa, relatos tristes e alegres, tive dificuldade em me manter somente no papel de entrevistadora diante dos discursos, até porque, estes momentos traduziam os instantes em que o entrevistado mais buscou minha face, minha cumplicidade, minha reação.

A dificuldade em não interagir com o discurso também aparecia quando o próprio entrevistado me questionava acerca de algum ponto de vista. Em alguns momentos desta vivência, no meio da narrativa, fui questionada, foram feitas perguntas pessoais e, em alguns casos, os entrevistados perguntaram se estavam respondendo corretamente às questões formuladas. Quando aconteciam situações

deste tipo, optei por virar a cabeça como quem diz “e aí?”, sugerindo um “continue”, o que fazia com que o entrevistado percebesse que não haveria esta possibilidade de “conversa”, durante a entrevista, sem deixá-lo constrangido. Nas primeiras entrevistas esta situação foi mais complicada de gerenciar, mas a experiência me deu certa tranquilidade nas entrevistas posteriores.

Finalmente, um item que se confirmou como fundamental para o bom andamento das entrevistas, principalmente com narrativas em que o entrevistador precisa que o entrevistado esteja motivado para falar, foi a confiabilidade, tão mencionada pelos teóricos citados anteriormente. Alguns dos entrevistados da pesquisa se mostravam “desconfiados” com a entrevista o que se percebia através da quantidade de perguntas que me eram feitas antes dos encontros e da solicitação das perguntas antes do momento da entrevista. Contornei estas situações utilizando empatia e bons argumentos sobre a metodologia e sobre a pesquisa, o que foi fundamental para que todas as entrevistas acontecessem em clima de muito comprometimento por parte dos interagentes.

6 CONCLUSÃO

Através deste relato, busquei registrar algumas situações que apareceram nas entrevistas com narrativas que poderiam configurar relevantes para outros pesquisadores, principalmente novatos. A checagem do instrumental (termo de consentimento livre e esclarecido, gravadores, apresentação, entre outros) e o planejamento são estratégias fundamentais, mas não garantem o sucesso deste tipo de entrevista. O pesquisador precisa estar ciente de que podem ocorrer intervenções na programação deste momento e, por ser o encontro de duas pessoas, em um ambiente específico, onde se busca uma fala sobre determinado assunto, estas intervenções podem afetar o discurso que é elaborado pelo entrevistado, material de trabalho do entrevistador.

Conforme exposto, uma das maiores dificuldades foi controlar minha ansiedade e outros sentimentos passionais. Em diversos momentos empenhei grande esforço, antecipei-me à emoção, para não demonstrar agitação, traçar comentários quando surgiam interrogações no meio da narrativa, para não chorar ou dar boas gargalhadas.

Nas entrevistas à distância, tive dificuldade em me manter acordada e com motivação enquanto aguardava os entrevistados. No período que antecedeu às entrevistas, julgava que as realizadas à distância seriam mais “fáceis” e trariam menos “complicações” por não exigir saídas de casa e maiores esforços. Inversamente, estes encontros exigiram bem mais de mim, além dos “desencontros”, foi necessário administrar a convivência das entrevistas com a vida em família.

Quanto à questão dos “desencontros” na interação à distância, depois de muito esperar, especulava se os encontros marcados no ambiente virtual ainda não possuem o apelo de responsabilidade que possuem os encontros presenciais. Pelo fato de não haver uma comunicação prévia do não aparecimento, por vezes, ficava uma impressão de que eu estaria sempre ali, naquele ambiente virtual, e que outra hora seria possível, numa relação diferente da que é estabelecida pessoalmente. Entretanto, quando acontecia o encontro, constatei grande comprometimento com as narrativas, muita disposição e prontidão, apesar das dificuldades de acesso em função da tecnologia, por exemplo. Toda essa postura é a mesma que lhes é peculiar e necessária na empreitada a que se dispuseram, de liderar iniciativas de bibliotecas comunitárias, responsabilizando-se pela articulação e captação de recursos, por atrair leitores, por desenvolver o gosto literário e mostrar outros caminhos para a comunidade através da informação.

Em função desta experiência bem sucedida na coleta de narrativas, creio que a responsabilidade do entrevistador com sua pesquisa inclui seu agir consciente, o travestir-se de seu papel e isto

inclui, também, a sua preparação para direcionar o “clima” da entrevista. É neste “clima” que os interagentes irão vivenciar o momento de entrevista. O entrevistador deve ser amistoso com o entrevistado, independente de qual seja sua postura nas interações que antecedem a entrevista. Essa postura enfatiza o acordo cordial entre as partes, cria um ambiente propício para a melhor narrativa e fortalece o ambiente de pesquisa, endossando questões éticas.

REFERÊNCIAS

ARAYA UMAÑA, S. Las representaciones sociales: ejes teóricos para su discusión. *Cuadernos de Ciencias Sociales*, San José, n. 127, out., 2002.

BASTOS, L. C. Estórias, vida cotidiana e identidade: uma introdução ao estudo da narrativa. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; SCLIAR-CABRAL, L. (Org.). *Desvendando discursos: conceitos básicos*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. p. 79-111.

ELIAS, N. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed; São Paulo: Bookman, 2009.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 90-113.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. *Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social*. Brasília: Líber Livro, 2009.

_____. *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)*. 2. ed. Caxias do Sul: EducS, 2005.

MAGALHÃES, Gildo. *Introdução à metodologia da pesquisa: caminhos da ciência e tecnologia*. São Paulo: Ática, 2005.

MARQUES, M. O. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 1998.

MENDONÇA, A. V. M. O uso da análise do discurso do sujeito coletivo em Ciência da Informação. In: MUELLER, S. P. M. (Org.). *Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação*. Brasília: Thesaurus, 2007.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 215- 253.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

**RESPONDENT INTERACTION WITH THE COLLECTION OF
NARRATIVES TO ADDRESS THE COMPOSITION OF THE COLLECTIVE
SUBJECT: EXPERIENCES OF RESEARCHER**

Abstract: *This experience report arises from reflection on the time of field research, specifically the collection of narratives performed for preparation of Master's thesis in the field of Information Science from the University of Santa Catarina in 2011. The text deals with the narrative as a source of information for research and prepare a brief justification of the Collective Subject Discourse*

(CSD), instrument used for collection and processing of speech. It also outlines the story of a new researcher aiming to relate theoretical support for interview narratives with their practical application, which usually offers many surprises.

Keywords: *Information science - Research, Research - Methodology, Research - Personal Narratives.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos entrevistados da pesquisa, líderes de bibliotecas comunitárias, por sua disposição em participar da pesquisa e pela “beleza” do encontro. Também às Professoras Elisa Cristina Delfini Corrêa e Fernanda de Sales da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), bem como Evandro Jair Duarte e participantes do XXX Painel de Biblioteconomia de Santa Catarina, realizado em 2011, que contribuíram e estimularam na composição deste texto quando apresentei um esboço desta experiência no evento. Também, e especialmente, ao meu (sempre) orientador e Prof. Francisco das Chagas de Souza, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pelo auxílio na revisão do artigo e considerações que sempre suscitam consistentes reflexões.

Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva

Mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil (2011)

Bibliotecária do Polícia Militar de Santa Catarina, Brasil

E-mail: anacpo72@gmail.com

Artigo: Recebido em: 07/09/2011 Aceito em: 05/10/2011
